

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO.
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCHS.
ESCOLA DE EDUCAÇÃO – EE.

AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: ALGUMAS
OBSERVAÇÕES DA PROVA RIO
LUCIANA CAROLINO NUNES

RIO DE JANEIRO

2010/2.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO.

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCHS.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO – EE.

AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: ALGUMAS
OBSERVAÇÕES DA PROVA RIO

LUCIANA CAROLINO NUNES

*Trabalho final para conclusão do curso
de Graduação em Pedagogia, feito sob
orientação da Professora Doutora
Claudia de Oliveira Fernandes.*

RIO DE JANEIRO

2010/2.


UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO.

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCHS.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO – EE.

ENTREGUE EM 16/12/2010

LEITOR 1:



Profª. Drª. Claudia de Oliveira Fernandes - Orientadora

LEITOR 2:

Profª. Drª. Andrea Rosana Fetzner

RIO DE JANEIRO

2010/2.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus aos meus familiares, minha avó Arlette, meu marido Marcos Felipe, por tudo o que foram nesses últimos difíceis meses de caminhada da minha vida. À minha mãe Silvia onde ela estiver, em meu coração estará sempre viva. E agora, à pessoa mais importante da minha vida: Monalisa, minha filha, por me dar ânimo para seguir em frente.

SUMÁRIO

Resumo	7
1. Introdução	8
2. Discutindo ideias sobre avaliação escolar	13
3. Relação teoria-prática: Um olhar sobre a avaliação do desempenho escolar numa escola da rede municipal de educação do Rio de Janeiro	19
4. Considerações finais	29
5. Referências	33

RESUMO

Este é um trabalho de conclusão da graduação em pedagogia, e tratará sobre o Prova Rio e suas interferências no cotidiano de uma escola da rede municipal de educação do Rio de Janeiro. Apresenta o conceito de avaliação do desempenho escolar diferenciando-o da avaliação da aprendizagem. O texto está composto por uma introdução que apresenta as justificativas e a metodologia do trabalho. O capítulo seguinte dialogará autores que são referência sobre a temática da avaliação escolar. No capítulo que segue haverá a retomada do discurso dos autores do título anterior, dialogando com as cenas observadas na escola municipal do Rio de Janeiro. Por fim, seguem as considerações finais fazendo uma discussão mais geral e provocações sobre o assunto.

PALAVRAS CHAVE:

Avaliação; Prova Rio e desempenho escolar

INTRODUÇÃO

O presente texto será sobre educação, portanto, achei conveniente fazer dois recortes muito atuais por sinal. Em primeiro lugar, o tema principal, avaliação, e o segundo é que a abordagem mais específica será sobre a Prova Rio, instrumento de avaliação externa pelo qual estão sendo submetidos os educandos da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro¹.

Por que falar sobre avaliação? São poucos os que se aventuram, mas alguém tem que correr o risco. O senso comum está aí falando em alto e bom tom que hoje em dia as crianças entram na escola e saem sem aprender nada, isso por que a escola não reprova a escola não deixa de castigo, se perguntam cadê as cópias, e ficar depois da hora, "ah, esse aí? Tem que ficar reprovado". Qual a relação de avaliar e melhorar a educação para essas pessoas? Por que avaliar tem que ser um ato punitivo? Neste sentido, quero ser mais uma a reforçar a corrente de que devemos estar vendo o que sabem as nossas crianças, e quais as pistas que nos fornecem os tais 'erros' por elas cometidos ao longo do processo de aprendizagem.

A ambivalência do erro manifesta as relações de poder que fazem da diferença cultural um processo de significação apoiado em afirmação da cultura ou sobre a cultura que constrói justificativa para a discriminação, produção de hierarquia e para a exclusão escolar e social. (ESTEBAN, p.8)

Segundo LUCKESI (2008) e FREIRE (1997) avaliar e educar são respectivamente atos de amor e coragem. Por isso ensinar, aprender e avaliar são processos considerados trabalhosos e muito difíceis. Não são de forma alguma tarefas para serem executadas por leigos, mas sim por profissionais, pessoal qualificado e que esteja disposto a ter com o outro, o educando, uma relação de cumplicidade, dedicação e, sobretudo de amor.

¹ O que é a Prova Rio será aprofundado no capítulo 2.

Desta forma, penso ser importante destacar desde já, que as escolas brasileiras foram geradas, tendo como base um modo de pensar que surgiu no século XVIII, o Iluminismo. Assim, valorizam até hoje a pedagogização dos atos do cotidiano, o racionalismo, o conteudismo, dentre outros modos. Esse movimento europeu trouxe consigo uma ideologia que prevalecia sobre todas as outras, e aqui no Brasil não foi diferente, mesmo não percebendo ainda hoje, somos compactuantes das ideias burguesas que circundam as salas de aula.

O século XIX, nomeado século das Luzes, caracterizou-se pela grande fermentação intelectual por conta da fértil produção de ideias dos pensadores Iluministas. Nessa época ocorreram frequentes abalos políticos devido aos confrontos entre a aristocracia do antigo regime e a burguesia emergente da Europa. Aqui na Colônia ainda era grande o contraste entre Brasil e a Europa e apesar das grandes transformações sociais (ascensão da burguesia), políticas (destruição dos reis absolutistas) e econômicas (liberalismo), resistia ainda a economia agroexportadora e a aristocracia agrária escravista.

O panorama educacional era o analfabetismo e o ensino precário restrito a poucos, uma sociedade totalmente agrária que não exigia especialização alguma, pois, o trabalho que predominava era manual e ficava por conta dos escravos. Assim sendo permitiu-se a formação de uma elite intelectual voltada para o saber abstrato voltando-se para o bacharelismo, burocracia e profissões mais liberais. Daí resultou-se um ensino clássico baseado na literatura e na retórica desprezando as atividades manuais.

No século XIX, o Brasil passava por um momento delicado. De Colônia a Império, devido à transferência da Corte Real Portuguesa para o Brasil já que na Europa Napoleão Bonaparte invadiu Portugal, houve muitas mudanças dando início a implantação de cursos superiores.

Na Europa até o final deste século, com a expansão das escolas públicas o Estado assume cada vez mais o encargo da escolarização. Em contrapartida, no Brasil, após o período que entra em vigor a Carta Magna de 1824, outorgada pela coroa, o problema da instituição popular deveria esperar, pois os deputados estavam interessados em defender suas partes, trabalhando

para a implantação das faculdades. Por conta disso, embora já houvesse na Carta de 24 referências sobre a criação de um sistema nacional de educação, o projeto não foi implementado.

Penso ser a partir desse viés histórico que temos que refletir sobre avaliação, com cautela, mas muita vontade e coragem para mudar essa realidade. As escolas brasileiras estão fundamentadas em uma lógica que nos leva acreditar que a avaliação seletiva possui algo a ver com educação de qualidade. Pois a seleção já começava por quem estava ou não estudando, alfabetizados e analfabetos.

O contexto histórico em questão veio formar as estratégias de ações a serem aplicadas nas escolas hoje. Porém a cultura escolar é formada pela vivência cultural dos atores que a compõem. Nas páginas anteriores fica claro que a escola é um teatro em que a peça é dirigida pela Corte Portuguesa.

Segundo ARANHA (2006), o produto que movimentava a economia aqui na época era agrário e este tipo de trabalho, manual, não necessitava de mão de obra qualificada, visto que era realizado pelos escravos. Desse jeito a elite ficava com o trabalho intelectual, que com a chegada da Coroa Portuguesa ao Brasil, a cargo das faculdades. Para o ensino primário, restava esperar a prioridade da Câmara era a regulamentação do ensino superior.

Ainda hoje, não se tem a dimensão de que as escolas públicas estão sendo reprodutoras de um sistema hierárquico, excludente e opressor. As avaliações estão escondidas atrás dos exames e das premiações que o governo oferece em troca de um melhor desempenho escolar dos alunos. *“O conhecimento é, pois, uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e erro.”* (MORIN, p.86, 2007)

A base dessa pesquisa é qualitativa. Foram utilizados como procedimentos metodológicos, as entrevistas e a observação. Foram feitas entrevistas com a coordenadora, a professora e a diretora. O campo em que a investigação se deu foi em uma escola no subúrbio do Rio, localizada na 5ª Coordenadoria Regional de Educação, doravante denominada CRE. Inicialmente fui buscar dados na Internet acerca da Prova Rio e nada encontrei

de específico, apenas reportagens que mostram dados já prontos. Entretanto, as informações a respeito do que é a Prova Rio e outras, me foram cedidas por profissionais da escola. Uma única informação que encontrei no site da SME-RJ – Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – foi a respeito de um cálculo que envolverá o IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica e a Prova Rio.

O assunto, avaliação do desempenho da aprendizagem escolar será abordado da seguinte maneira: um diálogo entre alguns autores que escrevem a respeito de idéias sobre avaliação e seus aspectos, e o capítulo seguinte, será feita uma breve discussão com as práticas observadas e os autores do capítulo anterior, pois neste período de observação haverá uma aplicação da Prova Rio, logo será acompanhado de perto todo um processo de exercícios realizados em sala de aula, além de um simulado que “auxilia” as crianças na marcação dos cartões resposta e outros detalhes que exigem uma prova objetiva.

Neste trabalho, a avaliação da educação não será apresentada como se dá um diagnóstico médico e se receita a cura para uma patologia. Por conta disso, estarão sendo citados autores (as) tais como: ÉSTEBAN, FERNANDES, LUCKESI e BARRIGA, dentre outros cujas opiniões sobre o assunto são indispensáveis, o que será fundamental para abrir a discussão. Tais idéias nos farão refletir criticamente a respeito de uma avaliação que respeita o trabalho do educador e as particularidades dos alunos (tais como tempo de aprendizagem, cultura...).

Outro ponto relevante é a análise da Prova Rio, e o que esse exame de verificação externa altera no cotidiano dos professores, haverá ainda um momento em que serão explicitadas as mudanças ou não ocorridas no modo de trabalho desses profissionais, inclusive buscando saber qual o apoio que as escolas receberam para implementação desse novo modelo de avaliação escolar.

Por conseguinte, no capítulo das considerações finais vou tentar suscitar discussões na cabeça dos leitores tais como avaliar deve ser um método ou uma prática? Nossas reflexões devem se tornar complexas tendo

em vista que estamos lidando com seres humanos, de diversos lugares, culturas, classes, poder aquisitivo,... Devemos então estar pensando sempre de maneira igual a respeito do desempenho escolar dessas pessoas? Nossas respostas devem ser enquadradas em um modelo pobre e satisfatório aos olhos dos outros? Provocações como essas serão encontradas nas considerações finais, sem querer ser ceticista, mas fazer com que o leitor exercite um raciocínio contrário à lógica hegemônica da burguesia brasileira.

E pagar? Seria certo pagar para os alunos aumentarem suas médias na escola? Mas essa é a conversa que ficará para finalizar esse trabalho, não para encerrar, pelo contrário quero suscitar mais reflexões a respeito desse precioso tema.

CAPÍTULO 1

DISCUTINDO IDÉIAS SOBRE AVALIAÇÃO ESCOLAR

"Avaliação escolar hoje, só faz sentido se tiver o intuito de buscar caminhos para melhor aprendizagem" (Jussara Hoffman)

De acordo com as mudanças sócio-políticas e econômicas que estão ocorrendo em esfera mundial, a educação não poderia ficar para trás e está sob o foco das principais campanhas públicas dos políticos mais variados, principalmente aqui no Brasil.

As mídias fazem questão de evidenciar que, ou a educação no Brasil está muito bem ou então que está tudo caminhando de mal a pior. Em época de eleição, o que mais vemos são as jogadas com as escolas que o candidato da situação que quer se reeleger trata como escolas modelo, e a oposição que quer tentar assumir o governo, buscar as escolas em situação de abandono para tentar desbancar a concorrência.

As novidades no campo educacional também não param por aí, a psicologia, psicopedagogia dentre outros campos que surgiram influenciando diretamente no ensinar e aprender, ajudando a escola a se modernizar e tentar construir uma mentalidade mais reflexiva e menos seletiva, menos centralizadora e excludente, lógica sob a qual foi constituído o pensamento educacional brasileiro

Um pensamento linear; a busca de uma única verdade e absoluta; o homem como um ser racional capaz de dar respostas a tudo que lhe é solicitado ou desafiado; uma concepção de conhecimento neutro; uma ciência isenta de ruídos culturais, afetivos, sociais; um currículo enciclopedista. (FERNANDES, p.37-41, 2010)

Ultimamente, um assunto que muito está sendo enfatizado no mundo educacional é a evasão escolar, daí surge uma temática como sendo a possível causa da evasão: os altos índices de repetência. Não quero entrar especificamente neste primeiro assunto, mas no segundo, de maneira mais abrangente: Avaliação do desempenho escolar.

As três esferas do Poder Público no Brasil, Federal, Estadual e Municipal, adotaram estratégias de avaliação externa para tentar identificar falhas em seus sistemas e tentar melhorar a qualidade da educação brasileira, porém, me parece que ainda falta ao governo discutir o que se entende sobre qualidade da educação. Logo, pode-se pensar em uma maneira de melhor avaliar o desempenho escolar das crianças de nossas escolas. Avaliação não pode ser confundida e/ou limitada apenas a uma medida classificatória. Segundo Fernandes:

Confundir avaliação como medida pura e simples e com uma concepção classificatória é muito comum e faz parte da lógica seriada que permeia a organização da escola, as práticas e as crenças dos sujeitos. Acredita-se que se os alunos não estudarem com a possibilidade da reprovação, a escola não estará cumprindo com sua função primeira: perpetuar de geração à geração os conhecimentos construídos pelos homens e mulheres ao longo dos séculos. (FERNANDES, p.37-41, 2010)

Ainda no campo das mudanças ocorridas, a sociedade buscou e encontrou um culpado para todos os problemas: a má qualidade da educação. No Rio de Janeiro principalmente a mídia, muito tendenciosa por sinal, enfoca as tragédias e os problemas sociais, apontando que a falta de oportunidade de acesso e permanência a uma educação de qualidade é o que gera e move os transtornos da cidade. Desta maneira o governo tenta medir a qualidade do ensino através de exames, que em nada alteram a aprendizagem dos alunos: "o exame é um efeito das concepções sobre a aprendizagem, não o motor que

transforma o ensino." (BARRIGA, 1999). Parece que o exame será o redentor da educação

O exame se converteu num instrumento no qual se deposita a esperança de melhorar a educação. Parece que tanto as autoridades educativas como professores, alunos e a sociedade consideram que existe uma relação simétrica entre sistema de exames e sistema de ensino. De tal modo que a modificação de um afetasse ao outro. (BARRIGA, 1999, p.51)

Logo, as autoridades competentes ludibriam a sociedade com esse mesmo discurso reafirmando-o. Em seguida, a promessa das atitudes para melhorias do sistema educacional resume-se à criação de mais uma política assistencialista baseada na premiação através da medição do desempenho escolar das escolas públicas. São estabelecidas novas metas, criados novos exames, e as premiações variam desde um salário extra a viagens para o exterior.

Todo mundo sabe que o exame é o instrumento a partir do qual se reconhece administrativamente um conhecimento, mas igualmente reconhece que o exame não indica realmente qual é o saber de um sujeito. (BARRIGA, p.54, ANO)

De acordo com BARRIGA (1999), o exame não pode resolver os problemas gerados em outras instâncias sociais, não pode ser justo quando a estrutura social é tão injusta. Não dá para atribuímos à escola a culpa de todos os problemas sociais que foram gerados durante séculos causados principalmente por uma sociedade aristocrata de maioria latifundiária, branca e rica. Logo, percebe-se que aqui no Brasil, as estruturas foram se formando de acordos com as ordens sociais já preestabelecidas vindas de Portugal.

NOVAS EXPERIÊNCIAS EM PORTUGAL...

De acordo com PACHECO (2007), derrubar os muros que separavam as salas implicou também na organização do trabalho dos professores e alunos. Ao partilharem espaços iguais, foi necessário aprender a respeitar a individualidade do outro; todos os espaços estavam a favor de todos os alunos e de todos os professores o que permitia uma mobilização integrada das estruturas curriculares, e assim permitiu uma igualdade na ênfase da aprendizagem dos processos dos conteúdos e estratégias de aprender.

A escola da Ponte é uma experiência europeia, por ironia, foi idealizada e posta em prática em Portugal, antiga metrópole do Brasil. É claro que assim como naquele tempo, a Europa estava muito mais ideologicamente avançada que o Brasil, ainda hoje isso é claramente possível e verdadeiro, no que se refere à educação. Logo, não podemos derrubar utopicamente as paredes das nossas salas de aula e fazer de nossas escolas municipais "Escolas da Ponte". Porém, nós educadores podemos transformar nossos pensamentos e derrubar as paredes do nosso raciocínio, refletindo mais criticamente sob o ponto de vista da avaliação dos nossos alunos e daí, sabermos que alunos queremos formar, se continuamos reproduzindo essa excludente lógica de avaliar nossos educandos ou se vamos respeitar as culturas cada passo, espaço e tempo de aprendizagem das nossas crianças.

Enquanto educadores e formadores de opinião podemos tão logo por abaixo as barreiras que nos foram e são impostas todos os dias por esse sistema decrépito, e lutar contra a exclusão, seleção e reprovação.

"A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe?" (FREIRE, 1997)

Educar para FREIRE (1997) é um ato de amor, por isso um ato de coragem. LUCKESI (2008) diz que avaliar é um ato amoroso e por si

acolhedor, inclusivo. Para esses dois autores a seleção, o julgamento e a exclusão não se encaixam nesses processos.

O ato de educar é um processo que engloba em si o diálogo e a discussão ensinar o outro a dialogar abertamente. Esse ato na escola inclui outro que amorosamente admite a situação como ela é: a avaliação, que não julga, não seleciona, não exclui.

Todos nós educadores sabemos perfeitamente que há alguns anos atrás a reprovação resultado final de uma *avaliação* seletiva e excludente foi causa da evasão escolar, ou seja, os educandos foram expulsos da escola pela própria escola. Culpa de um sistema que se pensa ser o melhor porque condena o "erro" e valoriza o acerto, uma avaliação que não acompanha o processo de ensino educacional, apenas verifica parte dele. Se o sujeito avaliado for o melhor aluno da escola e neste dia estiver com enxaqueca e seu conceito for o pior? Quem responderá por isso?

Educar fazendo verificação através dos exames não é a solucionar a qualidade do ensino. O educando em seu processo de ensino aprendizagem, é submetido a uma gama de experiências externas e internas à escola que nela refletem. Neste sentido, cabe ao educador no ato de avaliar seu aluno acompanhar, descrevendo minuciosamente cada detalhe do que se está sendo observado, cada pista do que foi aprendido, as dúvidas, e angústias de quando alguém não acompanha a turma, ali é o momento de mostrar àquele educando que há outros caminhos, novas possibilidades dentro daquilo que por ele foi elaborado.

A avaliação, aqui, apresenta-se como um meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão. Diagnosticando, a avaliação permite a tomada de decisão mais adequada, tendo em vista o autodesenvolvimento e o auxílio externo para esse processo de autodesenvolvimento. (LUCKESI, 2008, p. 174)

Avaliação é um processo que nos possibilita acompanhar de perto a situação de aprendizagem pela qual está passando o aluno. Uma prática avaliativa mediadora vai além das correções e lançamento de notas e/ou conceitos. Essa prática nos permite cuidar do que o aluno está aprendendo e focar na ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal (VYGOTSKY).

Neste sentido faz-se necessário que educando e educador estejam diretamente ligados em busca de um objetivo: aprender. É o educador que mantendo um olhar instigante e investigativo do processo individual de ensino-aprendizagem de seu aluno vai refletir diagnosticar e decidir pedagogicamente o que fazer diante do que foi observado.

Situações de aprendizagens são evolutivas e singulares. Não se corrigem nem se somam, mas se interpretam, exigindo, portanto, reflexão séria, com base em conjunto sólido de observações e dados, à luz do conhecimento epistemológico de cada área de conhecimento e assegurando uma visão positiva e confiante sobre o aluno. (HOFFMAN, 2005, p. 49)

CAPÍTULO 2

RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA: UM OLHAR SOBRE A AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO ESCOLAR NUMA ESCOLA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

*A compreensão é a um só tempo
meio e fim da comunicação humana.
Entretanto, a educação para a compreensão
está ausente do ensino. (MORIN)*

Neste capítulo, pretendo descrever diversas situações ocorridas uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro diante da expectativa da aplicação da Prova Rio, durante a aplicação e depois da mesma. Inicialmente farei a descrição física e dos hábitos cotidianos da/na escola.

Mas se a Prova Rio é um exame e eu disse que escreveria sobre avaliação, que sentido isso faz? Essa é uma das perguntas que eu me faço diante da fala dos políticos, o que um exame tem a ver com avaliação, se avaliar não busca premiar, excluir, selecionar? Esse capítulo retomará os autores citados no anterior e as idéias dos mesmos, e confrontará as reflexões desses estudiosos com a realidade observada e narrada por alguns componentes da escola.

A escola localiza-se na Zona Norte do município do Rio, no Bairro de Cascadura, possui a simples estrutura de apenas um edifício composto por dois andares. As instalações da escola estão em ótimo estado de conservação. Segundo a diretora e a professora que me cedeu espaço na sua turma, a manutenção na escola é feita sempre que necessário e a diretora se encarrega de deixar o ambiente escolar muito agradável. Outro ponto relevante é a conservação do serviço de limpeza, os auxiliares de serviços gerais estão sempre de prontidão para qualquer eventualidade.

A escola possui 15 salas de aula, uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala de professores, 1 refeitório, 1 quadra coberta, 1 pátio descoberto, 1

cozinha, 1 almoxarifado, e 10 banheiros, sendo estes devidamente divididos para as crianças e adultos.

A primeira impressão é a de que todos se dão muito bem e relacionam-se interativamente de forma constante uns com os outros. Na hora recreio/almoço, o clima parecia muito tranquilo. Ao chegar ao refeitório, fui apresentada à professora da turma que já estava almoçando. Ela já foi logo conversando bastante comigo e de maneira impressionante começou a expor suas angústias em relação à educação de um modo geral, seus contentamentos e decepções gerados pela profissão e vinte anos em sala de aula. O mesmo também aconteceu com a professora que chegou ao refeitório para almoçar depois da gente. Neste início de observação em campo, a escola parece ter um clima perfeito. As professoras conversam bastante entre si, porém sem deixar de prestar a atenção à brincadeira que as crianças estão fazendo. Elas estão sempre de olho, dão demonstrações de carinho para seus alunos e para os das outras professoras e ainda brincam com os meninos e meninas que tomam conta do grande pátio.

As crianças se misturam umas com as outras, brincam, se divertem demonstrando querer mesmo é aproveitar o tempo que têm para brincar. Há poucos grupinhos fixos. No dia em que cheguei, tive que brincar de dançar, foi tudo muito bom, muito divertido. As brincadeiras são das mais variadas, desde juntar grupos e cantar as músicas conhecidas que tocam na rádio, até retomar as alegres brincadeiras de roda. Para os mais agitados, brincar de correr é sempre a melhor opção para extravasar as energias que ficarão acumuladas com a chegada na sala de aula.

E neste ritmo todos se relacionam muito bem, o pessoal da secretaria com professores e alunos, a coordenadora com as professoras, a diretora com todos. A diretora se divide e consegue dar atenção a todos, inclusive aos pais que a procuram sempre. As merendeiras e os auxiliares de serviços gerais, estes últimos representados pela Comlurb (Companhia de Limpeza Urbana), são pessoas bastante agradáveis.

As minhas primeiras impressões acerca do clima na escola se comprovaram até o final do período de observação. Todos são muitos

respeitadores uns com os outros, e em todos os momentos acontecem diálogos. A diretora pede a opinião de todos em casos que parecem precisar de mudanças. Um exemplo pode ser relatado, agora ao final do período de observação na escola: houve momentos em que foi necessário se fazer mudanças na data da festa de Dia das Crianças (já marcada) por conta da aplicação da Prova Rio. A diretora, ao invés de resolver sozinha a mudança necessária, escreveu um bilhete para o grupo, perguntando às professoras qual seria a melhor coisa a ser feita, ou seja, qual data seria melhor para a realização da festa, já que vieram ordens da Secretaria Municipal de Educação para que a Prova Rio fosse aplicada no dia em que seria feita a festa do Dia das Crianças. Seguindo o mesmo clima de diálogo, na sala em que realizei a observação, a professora perguntou aos meninos e meninas o que eles achavam melhor de ser feito em relação ao caso da troca de data da festa, e a resposta do grupo foi encaminhada para a secretaria. No final das contas, a Prova Rio foi adiada e a festa voltou a ser no dia em que já havia sido marcada (22/10).

Essas mudanças de data em relação à aplicação da Prova Rio, segundo informações da diretora, deveram-se à violação de um envelope de prova em alguma das escolas municipais. Devido a essa abertura antecipada do lacre, a prova foi adiada várias vezes, remarcada em alguns momentos e chegou-se até em pensar na não aplicação da mesma, ainda nesse ano de 2010. Em seguida decidiu-se por realizar o exame e refazer apenas o lote de provas do qual o envelope foi violado.

O que é a Prova Rio e quais as implicações no cotidiano dessa escola?

Essas perguntas nortearam minhas observações e entrevistas com a professora e diretora. As perguntas foram respondidas com tamanha boa vontade, e não necessariamente precisaram ser feitas de maneira formal. Assim que cheguei à escola para iniciar as observações sondei como seria a ajuda que a professora, a diretora e a coordenadora me dariam com relação a informações a respeito da Prova Rio. De imediato, as profissionais se

mostraram muito entusiasmadas e se dispuseram a colaborar no que eu precisasse.

A Prova Rio começou em 2009 e foi um instrumento de avaliação externa para que o governo pudesse verificar o desempenho escolar dos alunos do 3º e 7º ano do ensino fundamental, em Língua Portuguesa e Matemática.

Neste ano 2010, realizaram a prova o 3º e o 7º, o 4º e o 8º anos do ensino fundamental. Os dois primeiros por são o objetivo do governo e os dois últimos para que fosse acompanhado o desempenho em relação ao ano passado.

Na escola observada, o exame praticamente não alterou a rotina, a não ser, em relação ao horário de almoço, pois teve que haver remanejamento de turmas.

No que diz respeito aos resultados, em 2009, a escola ficou entre as cinco piores na 5ª coordenadoria Regional de Educação (5ª CRE). Sendo assim, foi preciso estabelecer um plano de ação, com o objetivo de melhorar o desempenho dos estudantes da escola. Este plano deveria ser apresentado à secretaria municipal de educação. Em detrimento disso, a coordenadoria através da gerência de educação, apoiou a escola no que foi possível dentro da sua instância de atuação.

Quanto à preparação dos alunos para a realização do exame, não é possível estabelecer uma relação de conteúdos, tendo em vista que estes não são divulgados previamente. No que se refere ao modelo de prova, objetiva, os alunos fazem um simulado algumas semanas antes para que possam aprender e adaptar-se ao modelo da mesma.

Os aplicadores do exame não são pessoas da prefeitura, são requisitados pela empresa responsável pela elaboração da prova (CESPE). Em 2009, a escola teve diversos problemas com a dinâmica e a disciplina dessas pessoas. A todo o momento, se fazia necessário que a direção fosse intervir, em meio à aplicação da prova, devido às atitudes dos aplicadores, tendo em vista que os professores regentes das devidas turmas não poderiam ficar em

suas salas. Tais atitudes não foram comentadas pela diretora e achei por bem, não perguntar. Mas podemos perceber que há uma interferência bastante significativa no cotidiano da escola por conta da aplicação da prova. Problemas significativos de relacionamento foram apontados pela direção, mesmo que não revelados em suas especificidades.

Em 2010, os professores ficaram em suas devidas turmas e alguns aplicadores tiveram uma melhor postura, porém ainda sem a dinâmica necessária à faixa etária a qual estavam atendendo. Nenhum dos funcionários da escola pôde fazer intervenções e/ou questionamentos e nem ver a prova. Segundo informações, os aplicadores não parecem ser pessoas relacionadas ao magistério.

Com tudo isso, se a escola atingir a meta proposta, os funcionários recebem ao final do ano, o 14º salário.

Em 2011 a prova valerá como cálculo para o Ideb Rio.

A partir desse ano, o Prêmio Anual de Desempenho Escolar terá como base o Índice de Desenvolvimento da Educação do Rio de Janeiro (IDE-Rio). O IDE-Rio foi lançado em maio de 2009 baseado no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), aplicado pelo Ministério da Educação. O IDE-Rio possibilitará que o pagamento do prêmio seja feito anualmente, uma vez que o IDEB é medido a cada dois anos.

Para isso, em 2009, a Secretaria Municipal de Educação aplicou a Prova Rio para os alunos do 3º e 7º Anos. Essa avaliação externa serve de base para o cálculo do IDE-Rio. E, a partir deste ano, os resultados do IDE-Rio serão comparados com os resultados obtidos pelas escolas em 2009, através da Prova Rio. (<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme>, em 04/08/2010)

Como já foi dito, ano passado o resultado da escola foi muito ruim, ficaram com o 4º pior lugar na coordenadoria. De acordo com a diretora, para esse ano de 2010, *"os profissionais se empenharam bastante para que o desempenho da aprendizagem dos alunos melhore."*

Quando falamos sobre a reação das crianças diante do exame, a diretora disse: *"Não percebo qualquer tipo de apreensão ou reação negativa, até por que o que mais essas crianças fizeram esse ano foi PROVA."*

As impressões do dia da Prova...

Finalmente depois de ser remarcado algumas vezes, chegou o dia do exame. Para as turmas em processo de alfabetização e que realizam a prova, a recomendação da SME é de que não pode haver em sala de aula nenhuma especificidade que remeta a um ambiente alfabetizador.

No que se refere a ambiente alfabetizador, a professora da turma me respondeu que nada (cartazes, plaquinhas, trabalhos...) pode indicar às crianças pistas que se refiram às respostas da prova. Segundo ela, *"quando se decora uma sala de alfabetização a nossa intenção é propiciar um local que seja favorável à aprendizagem do educando."* É por isso que de acordo com o que a professora falou as instruções vêm da coordenadoria e os aplicadores conferem antes do início da realização do exame, pois não pode haver na sala nada que indique aos educandos as respostas das questões presentes na prova. Neste sentido, a fala da professora remete ao que diz HOFFMAN (2005) sobre ambiente alfabetizador

De todas as formas e por todos os meios, intencionalmente ou não, nós construímos um ambiente de aprendizagem que influencia em suas respostas. O importante é dar-se conta disso. Por que não há como ser diferente. (HOFFMAN, 2005,p.50)

No dia da aplicação 26/11/2010, sexta-feira, embora meu período de observação já tivesse sido cumprido, a diretora permitiu que eu retornasse à escola para acompanhar de perto a aplicação do exame. Realmente as crianças não esboçavam nenhuma reação negativa, porém estão nitidamente mais agitadas do que de costume, mas não apresentam qualquer tipo de preocupação.

Conforme havia sido determinado, a prova teve início às 13h30min. Nesse horário, a aplicadora entrou na sala, não cumprimentou ninguém, nem mesmo se apresentou às crianças. Entretanto, se aparentava ser introvertida

não parecia ser hostil. Ela não ia ler as instruções da prova, mas como a professora estava em sala e pediu que fossem lidas, durante a prova foi dando dicas de como realizar a prova (ler perguntas e respostas, marcar apenas uma alternativa em cada questão...)

O exame é um espaço social superdimensionado. Também enunciamos que o exame não pode resolver uma infinidade de problemas que se condensam nele. (BARRIGA, ANO, p. 57)

Um ponto relevante que vale a pena ser ressaltado é a situação da Cidade do Rio de Janeiro na semana posterior à aplicação da Prova Rio em virtude da nova política de segurança implantada na cidade. Estamos vivendo uma verdadeira guerra civil. As forças militares de todas as esferas governamentais uniram-se para combater a ação de traficantes em uma das comunidades mais violentas no subúrbio do município. Isso ocasionou ameaça de invasão a várias outras comunidades, e com isso, um aluno avaliado como muito bom e, que reside próximo às comunidades invadidas, não compareceu à Prova. Nitidamente ninguém esboçou reação de preocupação, mas a professora comentou que ele poderia fazer um diferencial, não um milagre, segundo ela *"ele é aluno de nota 9 ou 10!"*

Durante o intervalo, estive participando da conversa das professoras do 3º e 4º ano, da turma 1304, turma em que fiquei, e turma 1400. Elas trocavam algumas confidências a respeito de como havia sido a aplicação da prova em suas salas. No 4º ano, a professora descreveu um ambiente de total hostilidade, o aplicador não a cumprimentou e nem permitiu que ela circulasse pela sala. Algumas vezes o rapaz dirigiu-se a ela com pequenos insultos, e nesse tom pediu que a professora se sentasse nos fundos da sala durante a realização da prova.

Contudo, as impressões causadas pela Prova Rio parecem normais sem alterações de sentimentos e emoções, tanto por parte das professoras quanto das crianças. Entretanto, tal comportamento levou-me a refletir "Qual seria o sentido dessa prova para elas? Será que não se preocupam, pois um

exame não é o suficiente para avaliar o desempenho das crianças, e que esse é apenas uma politicagem do governo para premiar os funcionários da escola que atingem metas que depois serão mostradas internacionalmente?" Podemos assim acreditar que ainda há profissionais em educação interessados realmente em educar, refletir, avaliar, repensar e através de todo um trabalho inclusivo, amoroso e corajoso atribuindo aos educandos características indicadas pelo que sabem, e auxiliá-los em um trabalho de mediação através das pistas que nos indicam os erros cometidos.

As crianças do 3º ano, turma acompanhada durante a observação, são bastante inquietas tanto dentro quanto fora de sala de aula. A brincadeira para eles não chega ao fim, é o tempo todo rindo, brincando, contando piadas.

A meu ver, essa inquietação causada pelas brincadeiras alivia as tensões cotidianas (o não saber ler, a falta de atenção em casa...) e fazem com que exames como a Prova Rio não tenham tanto significado para eles. O que pude relacionar é que se a prova não faz sentido para o momento de aprendizagem pelo qual estão passando, por que ficar apreensivo? Aquelas crianças mal leem, logo já sabem como se sairão no exame, elas mesmas se desqualificam com falas do tipo: *"Eu não sei ler mesmo vou marcar qualquer coisa para acabar logo!"* Esse pessimismo acaba por contagiar os outros colegas da turma já que dos 33 alunos total da sala, 18 têm muita dificuldade para ler ou mesmo não o fazem.

As crianças nos fornecem claramente as pistas[†] do que estão precisando aprender, e quais são suas dúvidas em sala de aula. Quando iniciei a observação de campo, a professora me pediu um trabalho para iniciar ou melhorar a alfabetização desses 18 educandos com defasagem de leitura. Aceita a proposta, comecei a trabalhar com as crianças que foram muito receptivas às atividades propostas. Atividades que as crianças entenderam que seriam úteis para ler e compreender o mundo em torno delas. O comportamento delas foi outro: ficaram mais centradas, calmas, participativas, os olhos ficavam atentos a cada coisa que eu falava, e assim que elas começaram a reconhecer letras e palavras, mais queriam falar e participar.

Esse é um clima totalmente adverso ao que acontece nos dias de prova, pois eles sabem que o resultado da prova vai ser uma nota ou outro tipo de conceito ruim devido às condições a que se encontram eles mesmos, vai haver uma reunião na escola, um confronto em casa ou não, os pais não vão se interessar e depois disso a prova vai para o lixo (não a Prova Rio pois eles têm que devolver ao aplicador).

É neste sentido que a brincadeira se mantém antes e depois da prova. As crianças não encontram significado construtivo para esses exames.

Assim acontece na relação aplicador-educandos. Quando as crianças se deram conta, o aplicador já estava em sala, as provas nas mesas e um primeiro contato oral ainda não havia se estabelecido, logo, ignoraram aquela situação. Tanto as crianças quanto os outros profissionais na escola não estão acostumados com tanta frieza e hostilidade. O clima na escola é de muita alegria, interação e amor ao ambiente e a cada ser que nele está presente. Quando chega um estranho é recebido com esse mesmo carinho por todos, porém quando este não se integra ao grupo, ele é ignorado e a rotina de relações na escola permanece inalterada.

A avaliação em si é algo acolhedor, de acordo com LUCKESI (2008) “*é harmônica como se estivéssemos chamando alguém para dentro do nosso círculo de amizade.*” As atitudes descritas neste capítulo, no que tange aos aplicadores da Prova Rio não coincidem com, um círculo de amigos, como um ato amoroso. Logo, mais um motivo para considerar esse instrumento de medição não como uma avaliação, mas como instrumento de verificação, algo bastante superficial em relação ao processo de aprendizagem das crianças.

No sentido, de avaliação como ato amoroso podemos ainda ver que a escola em sua função social de educar possui obrigação de prestar contas à sociedade, como já foi dito no capítulo 1, da qualidade do desenvolvimento dos seres que a compõem.

Assim sendo, a avaliação da aprendizagem escolar auxilia o educador e o educando na sua viagem comum de

crescimento, e a escola na sua responsabilidade social.
(LUCKESI, 2008, p. 174)

A avaliação da aprendizagem escolar pode sim induzir o educador ao erro ao julgamento, cabe a ele, ter discernimento para compreender que aquela criança está ali para ser integrada a um meio social, e não excluída dele. O educando está na escola para se autocompreender. A avaliação pode sim motivar à medida que mostra possibilidades de crescer e obter resultados mais satisfatórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para compreensão humana é outra.” (MORIN)

Por todo o exposto, cabe perceber que a História foi um fator determinante para o pensamento educacional que vigora atualmente. O início da modificação do paradigma intelectual a partir do Iluminismo, a valorização do Racionalismo ao invés do Teocentrismo, foram pontos cruciais para que a educação brasileira montasse seus pilares baseados em fundamentos tão diferentes dos quais demandava seu público-alvo.

A qualidade da educação está diretamente ligada às práticas que ocorrem dentro e fora de sala de aula. A avaliação deve ser um modo de prestar contas à sociedade da formação dos indivíduos que dela fazem parte. Segundo LUCKESI (2008), *um dos objetivos da avaliação da aprendizagem escolar é responder à sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado*. Escola e sociedade devem mediar a relação entre o trabalho coletivo que se articula ao individual. A avaliação deve auxiliar no crescimento do educador e de seu aprendiz, dando-se de maneira construtiva esse entrosamento fará do educando sujeito individual inserido a um grupo de iguais, a sociedade.

Qualidade é uma palavra polissêmica, plástica, que encerra virtualidades e positivities, expressa convergência de preocupações, permitindo a rápida construção de um consenso por criar a ideia de agregação em torno de compromissos comuns. Estas características ocultam o quanto suas diferentes acepções guardam possibilidades opostas e contraditórias de organização da escola como projeto social. (ESTEBAN, 2008, p.6)

O tipo de avaliação externa aos quais são submetidos os educandos das escolas no Rio de Janeiro, seja para educação básica, ou para o ensino médio é uma maneira de reafirmação da sobreposição cultural que houve no passado quando portugueses proibiram aos índios que continuassem vivendo segundo seus costumes e lhe impuseram a cultura europeia. O governo estabelece metas que homogeneizam a cultura vivida por aquelas crianças fora da sala de aula, e todos devem ter o resultado satisfatório de acordo com o que querem as autoridades. Desse modo pode-se perceber que a escola torna-se um espaço uniforme ao qual as diversidades são silenciadas e ignoradas, tornando legítima apenas uma maneira de pensar, a da classe dominante, ou seja, da minoria.

A uniformização dos critérios, instrumentos, procedimentos e discursos presentes em processos internacionais de avaliação, cujo sentido articula também os sistemas nacionais, reforça nas práticas escolares a assunção de valores e perspectivas dos grupos hegemônicos, intensificando a generalização e aceitação da racionalidade fundada na ciência moderna, desqualificando e desestruturando outros conhecimentos, valores e formas de conhecer, presentes nos grupos subalternos e postos nas periferias do sistema. (ESTEBAN, 2008, p.10)

Por isso o educador deve ser o orientador de sua prática precisa refletir, rever, analisar, e auto avaliar-se de maneira que consiga organizar sua prática pedagógica de acordo com seu discurso, não basta dizer que ama o que faz; o amor à educação deve estar presente em cada ação desempenhada em suas práticas pedagógicas.

LUCKESI (2008) traz a ideia de avaliação como ato amoroso, inclusivo e integrativo. Neste sentido, o autor relembra que a avaliação da aprendizagem escolar permite ainda julgar e classificar. Assim sendo, é preciso que o

educador esteja atento ao próprio discurso para que faça de suas palavras o reflexo de sua prática cotidiana.

Não é suficiente formular o discurso, é indispensável concretizá-lo através de atos capazes de produzir o reconhecimento do padrão de conhecimentos e processos de aprendizagem e de ensino que orienta este exame como o legítimo, portanto válido e desejável. (ESTEBAN, 2008, p.11)

ESTEBAN (2008) e BARRIGA (1999) falam sobre avaliação e a aparente indissociação entre avaliar e examinar. Neste caso os autores colocam que muitas pessoas relacionam essas perspectivas como se fosse possível erradicar os problemas sociais existentes que se condensam na educação. Logo ESTEBAN cita Boaventura Souza Santos “a injustiça social assenta na injustiça cognitiva.” (2006, p. 146) e Barriga (1999, p.57) diz que “não se pode ser justo, quando a estrutura social é injusta”.

Diante de tudo o que foi mencionado, parece que os autores citados ajudaram e muito na distinção entre avaliar e verificar

...a verificação transforma o processo dinâmico da aprendizagem em passos estáticos e definitivos. A avaliação, ao contrário, manifesta-se como um ato dinâmico que qualifica e subsidia o reencaminhamento da ação, possibilitando consequências no sentido da construção dos resultados que se deseja. (LUCKESI, 2008, p.94)

Neste sentido, a Prova Rio encaixa-se no perfil de um exame verificador e estático do processo de aprendizagem, não permitindo que a prática pedagógica seja revista, direcionando o educador a tomar novas direções as quais seus educandos atinjam um resultado satisfatório. Assim, a prefeitura do Rio de Janeiro mais uma vez vai atrelar educação, verificação e o assistencialismo através do que o prefeito chama de Cartão Família Carioca. Segundo o prefeito o objetivo é:

O programa vai premiar os alunos com notas acima de 6 ou 7, dependendo da série, e os que tiverem melhora de pelo menos 20 % no rendimento escolar. Eles receberão R\$ 50, a cada 2 meses, com limite de R\$ 200 por ano. Será exigido das famílias que cada criança em idade escolar mantenha frequência mínima de 90% das aulas, além da participação de pelo menos um dos responsáveis nas reuniões bimestrais. (<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia>, em 07/12/2010)

E para finalizar, novamente repito a pergunta da introdução: seria certo pagar pelo aumento da média nas escolas? Ao invés de propiciar um ambiente de prazer para aprender e a escola ser como deve ser, mas pelo dinheiro... Será que vale a pena?

"Educar é um ato de amor"

(Paulo Freire)

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2006;

BARRIGA, Angel Díaz. Uma polémica em relação ao exame. In: ESTEBAN, M. T. (org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, pág. 51-82;

ESTEBAN, M. T. Silenciar a polissemia e invisibilizar os sujeitos: indagações ao discurso sobre a qualidade da educação. Revista Portuguesa de Educação, 2008, p. 5-31;

ESTEBAN, M. T. Nas dobras cotidianas, pistas da complexidade escolar. <http://www.grupalfa.com.br/arquivos/congresso>, em 15/12/2010.

FERNANDES, Claudia O. As lógicas hegemônicas que conformam nossas concepções de avaliação escolar. Revista *Novamerica*, nº 125, jan/mar 2010, p. 37-41;

HOFFMAN, Jussara. O Jogo do contrario em avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2005;

KRUG, Andréa Rosana Fetzner (Org.). Ciclos em Revista: A Construção de uma outra escola possível. Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2007;

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem: estudos e proposições. 19ª ed. São Paulo: Cortez, 2008;

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 12ª Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007;

<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme>, em 04/08/2010;

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia>, em 07/12/2010;



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO -UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação – EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: LUCIANA CAROLINO NUNES 20061.351.044

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: __ AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: ALGUMAS OBSERVAÇÕES DA PROVA RIO

ORIENTADOR(A): PROFA. DRA. CLAUDIA DE OLIVEIRA FERNANDES

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Profa. Dra. Andréa Rosana Fetzner

Nota : 7.0 (sete)

Considerações:

Luciana Carolino Nunes propôs-se a discutir a avaliação do desempenho escolar e trazer suas observações sobre a aplicação da Prova Rio em uma escola municipal do Rio de Janeiro construindo, assim, o que chama de um diálogo entre os autores que fundamentam as ideias de avaliação que trabalha e suas observações à aplicação da Prova Rio. Na introdução, ao trazer dados sobre a história da educação, faltam citar as fontes e apresentar, mesmo que resumidamente, a metodologia do trabalho. No primeiro capítulo Luciana traz algumas ideias e uma experiência (Escola da Ponte, Vila das Aves, Portugal) baseada em alguns autores que podem ser utilizados para o questionamento das práticas educacionais tecnicistas e das práticas avaliativas excludentes. Em algumas passagens, faltam referências completas (autor, ano). No segundo capítulo descreve a escola em que realizou a sua observação, faltando informar tempo de observação, dados da turma, motivos da escolha da escola. Neste capítulo, algumas citações ficaram sem comentários que as relacionassem ao foco da discussão. Nas considerações finais, a autora não construiu um diálogo entre o que observou e ouviu da coordenação da escola e dos estudantes e suas ideias sobre avaliação. Ressalta-se, como positivo, que é um trabalho onde se percebe a autoria de Luciana na escrita.

DATA: 21/12/2010

Assinatura: 

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: CLAUDIA DE OLIVEIRA FERNADES

Nota: 8.0 (oit)

Considerações:

O trabalho versa sobre observações de campo em uma escola municipal do Rio de Janeiro. Gostei muito na medida em que há as práticas avaliativas na escola, com uma boa observância na realidade.

O trabalho cumpre as exigências de uma monografia, precisando de alguns ajustes do ponto de vista de citações e referências. Nada que comprometa.

Percebe-se um texto abrigado, mas que haja aprofundamento das análises.

Parabéns pelo esforço e empenho realizado nessa monografia, considerando a exigência de tempo e a qualidade das ideias.

Data: 21/12/2010

Assinatura: C. Fernandes

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
7.0	8.0	7.5

Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 2010.

C. Fernandes

Prof. Orientador